

Nós e a Galhofa

Paulo Costa Lima

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, PC. Nós e a Galhofa. In: *Música popular e adjacências...* [online]. Salvador: EDUFBA, 2010, pp. 123-125. ISBN 978-85-232-1202-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Nós e a Galhofa

Estava trotando por aí e pensando sobre a mulher do Rui, uma que roubaram lá pela década de 60 e até hoje não há notícias. “Ui, ui, ui, roubaram a mulher do Rui”, era rima e solução. Daí para elucubrar sobre uma crítica da razão anárquica ou esculhambativa que nos constitui e alimenta enquanto cultura pré e pós-carnavalesca, foi apenas um pocotó a mais.

Mesmo sabendo que Carnaval é coisa complexa e cheia de lados, a galhofa e a anarquia são suas marcas distintivas. Basta lembrar: Me segura que eu vou dar um troço (a música já vem com o desmaio grátis), Cabeleira do Zezé, Sassassaricando, Saca-Saca-Saca-Saca-Rolla, Índio quer apito, e todo o repertório recente, da baixa do tubo à boquinha da garrafa via xô sataná!...

Mas, afinal de contas, por que celebrar que roubaram a mulher do Rui, e ao mesmo tempo levantar suspeitas sobre si próprio (“você pensa que fui eu”), só para apresentar uma defesa duvidosa (“mas eu digo que não fui...”) ? Pasmem: tudo isso numa nota só, com um corinho chinfrim de refrão de gravadora, e sucesso absoluto no Carnaval de 1967 (Messias).

Gregório de Mattos não escreveria a crítica da razão pura (de Kant), e sim que a Bahia tem dois ff – (e o incômodo desse pensamento é que o autor parece ver e profetizar uma relação de necessidade entre os dois...). Carlinhos Brown não escreveria uma polonaise de Chopin, e este dificilmente ficaria ‘à vontade’ na frente do Trio.

Beethoven não rebolaria seus fundilhos germânicos para alegria do compadre Washington, embora seja o ritmo de sua 5ª Sinfonia que nutra o ‘Segura o Tchan’... Stockhausen (ou mesmo Cage) não construiriam um instrumento enorme, cheio de furos e de tubos entrando nesses furos, e o chamariam de “A Grande Virgem” como fez Smetak, e nem se interessariam por grandes vaginas místicas na Chapada...

Será que é a água, Mané? A água dos trópicos, predispondo a tudo isso? Ou então é estratégia de sobrevivência de um lugar cultural bastante estranho e tenso? Ou vivemos mesmo no prepúcio do paraíso de Américo Vespúcio (que teria escrito ao Papa anunciando a descoberta do Éden)?

Mas olha que querer fazer sentido do nosso impulso anárquico é deveras arriscado. Cerco-me do cuidado de um período bem longe do Carnaval, e da maresia que muitos dos leitores estarão sentindo com relação ao tema, para tocar em tão delicado assunto. Porque já ouço a polêmica sobre se as gaiatices que fabricamos são sintoma de que há algo podre (no reino da Dinamarca, é claro...) ou vitalidade de estilo, originalidade de uma forma de pensar que deve duvidar de tudo, galhofar de tudo.

Se a galhofa é um sumo destilado da relação entre o salão e a rua (um diálogo que estaria no coração de nossos melhores escrevinhadores, de Gregório a João Ubaldo, como lembra Eneida Leal Cunha), ou se a galhofa é o esconderijo de uma passividade oceânica? Se a galhofa confronta a autoridade instituída, ou se a reforça, emasculando protagonistas e espectadores? Se liberta ou aprisiona? O que fazer com a galhofa? Como lidar com ela em termos de política cultural? Como aumentar o PIB através da galhofa? Como trabalhar para uma galhofa mais justa, digo, sociedade?

Será necessário cuidar para que haja limites, ou a galhofa, sintoma que seja, já vem com os limites da repressão que acalenta? Viva

quem galhofa, pois graças a eles o número de araquiris é muito baixo entre nós. Viva a galhofa e o rebolado! Viva a mulher do Rui! E quem a roubou! E viva Gregório! Mas viva também quem só consegue sorrir amarelo e nem galhofa, nem nada!